

A RELAÇÃO SIMBIÓTICA ENTRE MÍDIA, TERRORISMO E GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS

BRASIL: Copa do Mundo-2014, Olimpíadas-2016

*O sucesso da operação terrorista
depende quase que exclusivamente da
quantidade de publicidade que recebe.*

Walter Laqueur

ALEXANDRE ARTHUR CAVALCANTI **SIMIONI**¹
Capitão de Corveta (FN)

SUMÁRIO

Introdução
Principais atentados terroristas durante grandes eventos esportivos
A simbiótica relação entre mídia e terrorismo
Responsabilidade da mídia em prol da segurança em grandes eventos esportivos
 Laissez-faire
 Censura ou regulamentação legal
 Autorrestrição voluntária
Considerações finais

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o propósito de apresentar sumariamente algumas considerações sobre a relação entre mídia de massa², terrorismo e

grandes eventos esportivos, aprofundando a questão da responsabilidade da mídia na cobertura de eventuais incidentes terroristas em grandes competições esportivas, como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos.

¹ Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Programa Pró-Defesa (área de estudo em terrorismo), mestre em Operações Militares pelo Exército Brasileiro; *Certificate in Terrorism Studies* pela St. Andrews University – Reino Unido. Atualmente, exerce a função de chefe da Divisão de Trabalhos Acadêmicos do Centro de Estudos do Corpo de Fuzileiros Navais. E-mail para contato: tensimioni@hotmail.com

² Para atingir o propósito deste artigo, considera-se que o termo *mídia* refere-se a todos os meios ou canais de informação, enquanto o termo *mídia de massa* representa as emissoras de televisão, rádio e jornais (impressos ou digitais).

Este ano, Londres sediará a 30ª edição dos Jogos Olímpicos,³ e a preocupação central das autoridades inglesas estará relacionada à segurança durante as competições, sendo considerada “a maior operação de segurança em tempo de paz na história do Reino Unido” (UK Home Office, 2010).

Espera-se a presença de 14.700 atletas de 205 países, mais de 10 milhões de espectadores em seus 34 locais de competições e, aproximadamente, 20 mil jornalistas de todo o mundo.

A Estratégia de Contraterrorismo do Reino Unido e o planejamento de segurança das Olimpíadas apontam que os piores cenários passíveis de ocorrer durante a preparação e execução das competições são: terrorismo, crime organizado e ataques cibernéticos, extermínio doméstico e desordem pública, além de outros incidentes de grandes proporções, tais como catástrofes naturais, sendo que o terrorismo representa a maior ameaça e a mais provável.

Experiências anteriores indicam que eventos esportivos dessa magnitude representam alvos de alto valor para organizações terroristas, em face da publicidade instantânea e em escala global que estas competições proporcionam.

O Reino Unido tem sido vítima de atentados terroristas de grandes proporções em sua história recente, como observado, por exemplo, no dia 7 de julho de 2005 – um dia após a divulgação de que Londres sediará

os Jogos Olímpicos de 2012 –, quando explosivos foram detonados em três vagões do metrô londrino, tirando a vida de 56 pessoas e ferindo mais de 700. O próprio responsável pela Segurança dos Jogos de Londres, Alan West, afirmou que a ameaça terrorista durante a competição será a maior desde a Segunda Guerra Mundial.

Em face dessa possibilidade de ameaça, o governo britânico publica, em sua página oficial da internet, os níveis de alerta

O terrorismo fez mais de 10 mil vítimas em todo o mundo somente no ano de 2010, representando mais de três vezes o número de mortos nos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono

de ameaça terrorista, de forma a manter a população informada permanentemente⁴. Há cinco níveis de alerta: Baixo (*Low*), Moderado (*Moderate*), Considerável (*Substantial*), Severo (*Severe*) e Crítico (*Critical*). Até a data de conclusão deste artigo⁵, o nível de alerta no Reino Unido está em *Substantial*, o que

significa que há uma forte possibilidade de ataque terrorista. No entanto, o governo acredita que este nível de alerta seja elevado para Severo (*Severe*) durante os Jogos Olímpicos, o que significa que um ataque terrorista é altamente provável.

Apesar de não ter sido amplamente divulgado na mídia brasileira, o terrorismo fez mais de 10 mil vítimas em todo o mundo somente no ano de 2010⁶, representando mais de três vezes o número de mortos nos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono, o que, ao contrário do que muitos pensam, indica que as organizações terroristas continuam suas atividades, mesmo após a morte de Osama Bin Laden.

³ Período de 27 de julho a 9 de setembro de 2012.

⁴ <http://www.homeoffice.gov.uk/counter-terrorism/current-threat-level/>.

⁵ Artigo finalizado em 15 de abril de 2012.

⁶ The United Kingdom's Strategy for Counter Terrorism. Julho de 2011.

A tecnologia moderna de transmissão por satélite, a internet e a presença da televisão em praticamente todas as camadas da sociedade no mundo contribuíram para aumentar o potencial de publicidade do terrorismo. A título de ilustração do poder da disseminação que um ato terrorista pode atingir em escala global durante um grande evento esportivo, o governo do Reino Unido estima que haverá cerca de 2 bilhões de espectadores assistindo, ao vivo, aos Jogos Olímpicos deste ano.

No que concerne ao terrorismo, as imagens inesquecíveis, em tempo real, dos atentados de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos da América (EUA), sem dúvida alguma, abriram um novo capítulo na história da humanidade, marcando de forma contundente este tipo de terrorismo, com ações de proporções globais e ilimitadas, expresso sob múltiplas formas, meios e métodos de ataque e nutrido por motivações políticas, étnicas e religiosas, os quais, certamente, são potencializados pelos meios de comunicação.

Alguns autores sugerem que esse atentado representa o mais importante marco histórico do início do século XXI, pois nenhum outro evento na História teve tamanha repercussão no cenário mundial desde o colapso da URSS, representando um ponto de inflexão tanto na história dos EUA quanto da própria ordem mundial, pois, ao atingir os principais símbolos do poderio econômico e militar dos EUA, a organização terrorista Al Qaeda impôs um fim à “América Inviolável”⁷.

O terrorismo surge neste início de século, portanto, como um dos fenômenos políticos de maior impacto na segurança internacional e à paz mundial, em função da natureza de suas ações, tendo a capacidade de tornar qualquer pessoa um alvo

em potencial, disseminando, desta forma, a intimidação coletiva.

Verifica-se, portanto, que o terrorismo contemporâneo distingue-se das outras formas de violência organizada não apenas pela severidade de seus ataques, com um maior potencial de letalidade, mas pela sua amoralidade e desrespeito às legislações vigentes, repudiando qualquer comprometimento com a ética e a moralidade.

Possui, ainda, como característica marcante, a seletividade de alvos, com ações programadas e sincronizadas, de forma a surpreender e aterrorizar a população pela exploração dos meios de comunicação, como observado no 11 de Setembro.

O planejamento por parte da Al Qaeda na sincronização dos ataques foi perfeito, pois permitiu que todas as redes de televisão atuassem como suas parceiras em sua estratégia de divulgação do espetáculo do terror e disseminação de insegurança na população mundial. Ou seja, o terrorismo soube utilizar a vocação da mídia para a cobertura total e imediata de fatos espetaculares (MELO NETO, 2002).

A repetição, nos dias seguintes aos atentados, até 200 vezes consecutivas, do choque dos aviões, por um lado, paralisou o mundo, mas, por outro, contribuiu de forma determinante para aumentar – e com euforia – a simpatia e a aprovação de vários grupos ligados ao terrorismo. Isso transformou Bin Laden numa espécie de super-homem capaz de tudo, o que aumentou e incentivou o recrutamento de novos camicases. (FERNANDES, 2001 *apud* MELO NETO, 2002).

Nas dez primeiras semanas que se seguiram aos atentados, verificou-se, na mídia impressa, que Osama Bin Laden foi

⁷ Booth & Dunne, 2002; Chomsky, 2002; Pecequillo, 2003 *apud* AMARAL, 2008.

capa de três edições da revista *Newsweek* e de duas da revista *Time*, o que contribuiu para promover a popularização e mitificar o principal líder e mentor intelectual desses ataques, fazendo de Bin Laden um dos principais produtos da mídia. (NACOS, 2003 *apud* FERNÁNDEZ, 2005).

Um dos fatos observados no pós-11 de Setembro foi a rediscussão sobre a responsabilidade dos meios de comunicação ao divulgar, em tempo real, as imagens de atentados terroristas para o público, as quais, em última análise, contribuem para disseminar o sentimento de insegurança, vulnerabilidade e impotência, além de poderem comprometer as ações de contra-terrorismo, como observado nos atentados dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, quando os terroristas palestinos puderam acompanhar pela televisão a movimentação da polícia alemã de dentro do apartamento da equipe israelense sequestrada.

Desta forma, o presente artigo pretende responder aos seguintes questionamentos: Qual é a relação entre mídia e terrorismo? Quais são as discussões acadêmicas e práticas sobre qual deveria ser o papel da mídia como parceira do Estado na cobertura de grandes eventos esportivos, como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos?

Inicialmente, serão apresentados alguns dos maiores ataques terroristas já realizados em grandes eventos esportivos durante o século XX, ressaltando o incidente durante os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, de forma a exemplificar o interesse por parte de organizações terroristas em realizar seus ataques em eventos desta natureza, em face da publicidade que estas competições proporcionam.

Posteriormente, será discutida a relação simbiótica entre organizações terroristas e os meios de comunicação, particularmente sobre os interesses mútuos na publicidade de seus ataques.

Por fim, serão apresentadas algumas considerações acadêmicas e práticas sobre o que se considera ser uma postura responsável da mídia em grandes eventos esportivos, de forma a contribuir para o estabelecimento de políticas públicas eficientes para este setor, por ocasião do planejamento da segurança da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 no Brasil.

PRINCIPAIS ATENTADOS TERRORISTAS DURANTE GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS

Dentre os principais atentados terroristas durante grandes eventos esportivos noticiados pela revista *Time Magazine*⁸ e pela agência de notícias Reuters⁹, destacam-se os que, segundo este autor, tiveram maior repercussão na mídia: Jogos Olímpicos de Munique, em 1972; Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996; partida de futebol em Madri, em 2002; Campeonato Mundial de Cricket no Paquistão, em 2002; maratona no Sri Lanka, em 2008; ataque à delegação de *cricket* do Sri Lanka, em 2009; e ataque à seleção de futebol do Togo, em 2010.

Segue-se um breve sumário desses acontecimentos, de acordo com os dados da revista *Time Magazine*, da agência de notícias Reuters e da base de dados do National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (Start)¹⁰

⁸ Para outras informações sobre os dez principais atentados terroristas durante grandes eventos esportivos, ver: <http://www.time.com/time/specials/packages/completelist/0,29569,1882967,00.html>.

⁹ Cronologia dos principais atentados da história do esporte: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2010/01/11/ult1859u2170.jhtm?action=print>.

¹⁰ Para acessar a base de dados do Start, ver: <http://www.start.umd.edu/start/>.

Jogos Olímpicos de Munique

Evento esportivo	Jogos Olímpicos de Munique
Local e data	Munique, Alemanha – 5/9/1972
Incidente	No dia 5 de setembro de 1972, oito membros da organização terrorista Setembro Negro entraram na Vila Olímpica vestindo abrigos esportivos e se deslocaram para os apartamentos da delegação israelense. Ao invadirem o primeiro apartamento, o árbitro de luta-livre israelense Yossef Gutfreund tentou impedi-los, porém foi ferido, assim como o treinador Weinberg foi baleado no rosto. Após invadirem o outro apartamento, o alterofilista Romano foi assassinado ao tentar render um membro do Setembro Negro. Os terroristas, de posse de nove reféns, exigiram a libertação de 234 prisioneiros da Organização de Libertação da Palestina (OLP) e de dois terroristas alemães (Baader e Meinhof). Na tarde desse dia, policiais alemães organizaram uma ação de resgate, vestindo uniforme de atletas. Contudo, os terroristas estavam acompanhando, ao vivo, a movimentação policial pela televisão e informaram que qualquer tentativa de invasão por parte da polícia resultaria na morte dos reféns. Os terroristas fizeram a exigência de um avião para serem levados para a capital do Egito, Cairo. Após graves erros de planejamento e execução da ação de retomada de reféns, os terroristas atiraram e detonaram uma granada, matando os nove reféns. Na ação, cinco terroristas e um policial foram mortos e três terroristas foram presos.
Organização terrorista	Setembro Negro (<i>Black September</i>)
Meio empregado	Armas de fogo e granada
Vítimas	17 mortos e dois feridos

Certamente, o atentado durante os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, foi o que teve maior repercussão na mídia internacional, sendo, inclusive, explorado pela indústria cinematográfica. Estima-se que 900 milhões de pessoas assistiam, ao vivo, à ação da

organização terrorista Setembro Negro na Vila Olímpica.

Nesse episódio, destaca-se, ainda, o fato de que a primeira ação policial de resgate foi frustrada pelo fato de os terroristas estarem acompanhando a movimentação dos policiais, em tempo real, pela televisão.

Jogos Olímpicos de Atlanta

Evento esportivo	Jogos Olímpicos de Atlanta
Local e data	Atlanta, Geórgia – Estados Unidos da América – 27/7/1996
Incidente	No dia 27 de julho de 1996, milhares de pessoas assistiam a um show no Parque Centenário de Atlanta, o qual foi concebido para ser a “praça pública” dos Jogos Olímpicos daquele ano. Eric Rudolph, um ex-especialista em explosivos do Exército dos EUA, detonou três bombas que estavam em uma mochila sob um banco da praça.
Organização terrorista	Eric Rudolph – não confirmada sua ligação com a organização terrorista Exército de Deus (<i>Army of God</i>)
Meio empregado	Explosivo
Vítimas	Um morto e 110 feridos

Partida de futebol em Madri

Evento esportivo	Campeonato de futebol
Local e data	Madri, Espanha – 1/5/2002
Incidente	Um carro-bomba preparado pela organização terrorista Euskadi ta Askatasuna (ETA) explodiu no estacionamento do Estádio Santiago Bernabéu, Madri, antes da partida de futebol entre Real Madri e Barcelona. O ETA telefonou para um jornal local advertindo sobre a bomba e assumindo a responsabilidade pelo atentado. Menos de uma hora após a explosão, outro carro-bomba foi explodido no sul da cidade. Acredita-se que a segunda explosão foi uma tentativa de destruir as provas do primeiro ataque.
Organização terrorista	Euskadi ta Askatasuna (ETA)
Meio empregado	Explosivo, carro-bomba
Vítimas	17 feridos

Campeonato Mundial de *Cricket* – Paquistão

Evento esportivo	Campeonato mundial de <i>cricket</i>
Local e data	Karachi, Paquistão – 8/5/2002
Incidente	Um carro-bomba explodiu próximo ao hotel em que a equipe de <i>cricket</i> da Nova Zelândia estava hospedada em Karachi, no Paquistão, matando 14 pessoas, sendo 11 oficiais da Marinha francesa e três paquistaneses. Os franceses estavam no Paquistão realizando trabalhos em conjunto com militares paquistaneses em assuntos navais e eram considerados o principal alvo.
Organização terrorista	Al Qaeda (não confirmado)
Meio empregado	Explosivo, carro-bomba, ataque suicida
Vítimas	14 mortos e 20 feridos

Maratona no Sri Lanka

Evento esportivo	Maratona
Local e data	Colombo, Sri Lanka – 6/4/2008
Incidente	Um homem-bomba detonou o artefato no início da Maratona em comemoração do Ano Novo no Sri Lanka. Entre os mortos estavam o ministro Jeyaraj Fernandopulle, o ex-maratonista olímpico KA Karunaratne e o treinador Lakshman de Alwis. A competição era transmitida ao vivo pela televisão.
Organização terrorista	Tigers of Tamil Eelam
Meio empregado	Explosivo, homem-bomba, ataque suicida
Vítimas	14 mortos e 83 feridos

Ataque à delegação de *cricket* do Sri Lanka

Evento esportivo	Campeonato de cricket
Local e data	Lahore, Paquistão – 3/3/2009
Incidente	Homens armados atacaram o ônibus que transportava a delegação de <i>cricket</i> do Sri Lanka, próximo ao Estádio Gaddafi, localizado em Lahore, Paquistão. O ataque matou os seis policiais que faziam a escolta do ônibus e dois civis e feriu seis jogadores, dois membros da equipe técnica e um árbitro.
Organização terrorista	Lashkar-e-Tayyiba (LeT) – não confirmado
Meio empregado	Granadas, fuzis, lança-foguetes
Vítimas	Oito mortos e nove feridos

Ataque à Seleção de Futebol do Togo

Evento esportivo	Campeonato africano de futebol
Local e data	Cabinda, Angola – 8/1/2010
Incidente	O ônibus da seleção de futebol do Togo, em viagem à província angolana de Cabinda, foi atingido por vários projéteis disparados por rebeldes separatistas cabindenses. O assessor de imprensa, o assistente técnico e o motorista foram mortos, e sete pessoas ficaram feridas, entre elas o goleiro reserva, Kodjovi Obilale.
Organização terrorista	Frente de Libertação do Enclave de Cabinda-Posição Militar (Flec-PM).
Meio empregado	Armas de fogo
Vítimas	Três mortos e sete feridos

A SIMBIÓTICA RELAÇÃO ENTRE MÍDIA E TERRORISMO

Inicialmente, é fundamental que seja definido o termo *terrorismo* para que haja um perfeito entendimento sobre a discussão proposta. Para tanto, este autor vale-se da definição empregada por Whittaker (2005), a qual prevê que terrorismo é uma ação de

“violência premeditada e politicamente motivada, perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente *com a intenção de influenciar uma audiência*” (grifo nosso).

Especialistas divergem quanto à postura e responsabilidade da mídia na cobertura de atentados terroristas. Na literatura in-

ternacional, há uma parcela significativa que acredita que a mídia contribui com o terrorismo ao dar notoriedade e potencializar o impacto de seus atentados, além de contribuir para que o terrorista atinja seus propósitos, demandas políticas, a intimidação e a propagação do medo no seio da sociedade. Pode, ainda, comprometer ações de contraterrorismo e pressionar governos na tomada de decisões em favor das demandas terroristas.

Por outro lado, há aqueles que defendem que a mídia representa um obstáculo às organizações terroristas pelo fato de ter a capacidade e os recursos necessários para mobilizar a opinião pública em um Estado democrático contra suas atividades.

Apesar de não haver estudos que comprovem se a mídia contribui ou não para as atividades terroristas, este tema é discutido entre especialistas em terrorismo. Entre eles, destaca-se o estudo realizado por Paul Wilkinson em seu artigo “*The Media and Terrorism: a Reassessment*”, publicado em 1997, o qual defende que não há terrorismo sem mídia em sociedades democráticas.

Segundo Wilkinson, é inegável a relação simbiótica de interesses mútuos entre organizações terroristas e mídia. O primeiro quer dar publicidade e maximizar seus atos, legitimar e justificar suas atitudes, sua ideologia e sua motivação, angariar simpatizantes e colaboradores, assim como realizar suas demandas políticas, entre outras. A mídia, por sua vez, acredita que a cobertura de atentados terroristas fornece uma fonte quase que inesgotável de notícias sensacionalistas, capaz de impulsionar sua audiência, como se observa nas palavras de Melo Neto (2002):

O terror, com seus atos espetaculares, busca fascinar as pessoas com seus cenários fabricados de tragédia. Seus estrategistas conhecem muito bem o fascínio que exercem os episódios trágicos na

mente das pessoas. Com isso, têm como certa a ampla cobertura dos atentados porque estes são certeza de uma elevada audiência nos meios de comunicação. Ao assim procederem, os estrategistas do terror utilizam a mídia como seu principal aliado na difusão de suas ações.

Por fim, Melo Neto (2002) conclui que a lógica do terrorismo em seu trato com a imprensa baseia-se nos seguintes pressupostos: criar catástrofes para gerar espaço, despertar polêmicas para colocar-se como tema central, mitificar o seu principal líder para dele fazer um dos principais produtos da mídia, criar novas expectativas de ataques para manter a imprensa sempre em estado de alerta e fomentar um clima de guerra para despertar a atenção da mídia.

No entanto, Wilkinson (1997) afirma que a mídia de massa, em sociedades livres e democráticas, repudia o terrorismo e qualquer forma de violência; contudo, estes meios de comunicações vivem em um mercado competitivo e sob forte pressão para serem os primeiros a noticiar qualquer matéria (conhecidamente como “furo de reportagem”) capaz de entreter seus espectadores. Isto não significa que os meios de comunicação são controlados por organizações terroristas, mas denota que, sabedores dessas características da concorrência entre as emissoras de sociedades democráticas, os terroristas valem-se delas para explorar e manipular esses meios para seus próprios fins. Em alguns casos, verifica-se que organizações terroristas, na busca de publicidade, alimentam os meios de comunicação com entrevistas, comunicados e declarações em vídeo e áudio, como observado, por vezes, no canal de televisão Al Jazeera.

Dois exemplos clássicos trazidos por Schmid (1989 *apud* WILKINSON, 1997) retratam essa relação simbiótica entre or-

ganizações terroristas e mídia de massa: o sequestro do voo 847 da TWA em 1985 e o sequestro dos 52 funcionários da Embaixada Norte-Americana de Teerã em 1979.

No primeiro caso, os estudos de Schmid mostraram que a rede de televisão norte-americana NBC dedicou dois terços de toda a sua programação para dar publicidade ao sequestro do TWA 847 ao longo dos 17 dias do episódio. O voo possuía 39 cidadãos norte-americanos a bordo.

Essa exposição exagerada pelos meios de comunicação fez com que o “preço” dos reféns norte-americanos subisse, em face da pressão popular para uma ação dos governos dos EUA e de Israel na solução deste sequestro. Como resultado dessa ação, foram libertados os 39 reféns em troca de nada menos que 756 presos xiitas.

Em que pese o sucesso pela libertação dos reféns, numa análise mais aprofundada das consequências da influência exercida pela mídia na cobertura deste evento pode-se concluir que: houve uma exposição deliberada dos reféns; aumentou o sofrimento das famílias das vítimas ao longo de todo o sequestro; a organização terrorista atingiu seu propósito de libertar 756 radicais islâmicos, possivelmente ligados a grupos terroristas; pressionou o governo norte-americano a não cumprir sua política de “não negociação e não concessões” às demandas terroristas, e, como pior cenário, este sucesso alcançado, provavelmente, aumentou a probabilidade de que novos eventos dessa natureza se repetissem por esta ou outras organizações terroristas.

No segundo caso, 52 funcionários da Embaixada Norte-Americana de Teerã foram sequestrados por estudantes islamitas e mantidos reféns por 444 dias, o que culminou com o rompimento das relações entre EUA e Irã em 1980. Contudo, uma das análises desse sequestro, feita por Schmid, explora o aumento das receitas

orçamentárias em publicidade das grandes redes de televisão norte-americanas nas três primeiras semanas do longo episódio.

Segundo Schmid, as principais redes de televisão dos EUA aumentaram, em média, 18 pontos percentuais o índice de audiência de seus programas, proporcionando, em 1979, uma elevação na receita anual de US\$ 30 milhões para cada aumento do ponto percentual atingido, ratificando, portanto, esta relação simbiótica de interesses entre organizações terroristas e mídia de massa.

RESPONSABILIDADE DA MÍDIA EM PROL DA SEGURANÇA EM GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS

Com base na discussão apresentada até o presente momento, inevitavelmente surge o questionamento de qual deveria ser, então, o posicionamento da mídia diante do terrorismo.

A ética envolvida na divulgação de atos de terrorismo é repleta de controvérsias. Em teoria, a responsabilidade de uma agência de notícias em uma democracia liberal é a de fornecer a informação objetiva e imparcial, ou seja, não atuando em prol dos terroristas, tampouco dos governos.

Contudo, enquanto para alguns críticos a mídia tem o dever de informar e divulgar as cenas de horror, para outros a mídia tem o dever apenas de informar. Diante desse impasse, partidários ou não da neutralidade e do compromisso ético da mídia de mostrar a realidade dos fatos dividiram-se em dois grupos: os “patriotas”, adeptos da censura imposta pelo governo à mídia de não mostrar as cenas de terror; e os “éticos”, que defendem a independência da mídia, cujo dever é mostrar as imagens reais e fazer análises imparciais (MELO NETO, 2002).

Nesse debate, há na literatura moderna três opções políticas que governos pode-

riam adotar para impor ou não restrições aos meios de comunicação para a cobertura de atividades terroristas. São elas: *laissez-faire*; censura ou regulamentação legal; e autorrestrição voluntária.

Laissez-faire

Esta política pressupõe que não há restrições quanto à divulgação de imagens de atentados terroristas, permitindo que a mídia divulgue tudo aquilo que considere relevante para o seu público-alvo. Dessa forma, organizações terroristas irão, naturalmente, explorar ao máximo os canais de comunicação para darem ampla cobertura aos seus atentados e às suas causas.

Portanto, neste tipo de política de liberdade de imprensa, os meios de comunicação poderão, em última análise, favorecer e estimular ações terroristas pelo fato de estarem contribuindo para o sucesso de suas ações, como já discutido anteriormente.

Censura ou regulamentação legal

Em face do grande poder de comunicação das mídias de massa, tanto para o bem quanto para o mal, diversos países democráticos, como o caso do Reino Unido, têm procurado negar o acesso direto de organizações terroristas aos meios de comunicação.

Este posicionamento ficou evidenciado quando a ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher proibiu, à época, que os meios de comunicação transmitissem entrevistas do braço político do IRA, o Sinn Féin, representado por Gerry Adams, de forma a não contribuir para o que ela denominou de “oxigênio de publicidade” proporcionado pelos meios de comunicação à causa terrorista.

Esse posicionamento da ex-primeira-ministra apenas contribuiu para o longo debate acerca da censura dos meios de comunicação, pois acredita-se que, mesmo se tratando de terrorismo, a censura imposta por governos estaria destruindo uma das bases fundamentais da sociedade democrática – a liberdade de expressão.

No entanto, Wilkinson (1997) defende que, em qualquer sociedade livre e responsável, a liberdade de expressão não é ilimitada. A maioria dos cidadãos acredita, por exemplo, que a pornografia deveria ser proibida na televisão, assim como a população ficaria estarrecida se os meios de comunicação comessem a dar espaço para que estupradores e traficantes de drogas fossem às telas para vangloriar-se de seus crimes ou de quanto eles faturam, por exemplo, com a venda de drogas ilícitas.

Ou seja, esta política de censura impede que organizações terroristas tenham acesso direto à mídia, proibindo qualquer tipo de publicidade “pró-

terrorista”. Contudo, a maioria dos Estados livres não adota este tipo de política, pois isso representaria que o terrorismo venceu e foi capaz de destruir um dos pilares da democracia. Além disso, tal atitude poderia comprometer a confiança da população na imprensa, gerando suspeitas sobre a autenticidade dos fatos transmitidos.

Autorrestrição voluntária

Certamente, a melhor opção política para as mídias responsáveis é a autorrestrição voluntária, pois permite que as próprias organizações estabeleçam diretrizes e regulamentos internos, de forma a orientar todos os seus funcionários a não serem manipulados e explorados por organizações terroristas.

**A melhor opção política
para as mídias responsáveis
é a autorrestrição
voluntária**

Dessa forma, os jornalistas são instruídos a terem uma atitude consciente e não proporcionarem uma plataforma de divulgação para a causa terrorista. Além disso, poderia constar nos regulamentos dos meios de comunicação que os funcionários devem evitar o contato direto com sequestradores/terroristas sem prévia autorização da polícia, pois podem agravar ainda mais a situação. Essas são apenas algumas medidas que poderiam contribuir, caso fossem corretamente implementadas, para se ter uma mídia consciente e responsável na cobertura de atentados terroristas.

Contudo, Wilkinson (1997) ressalta que não há qualquer evidência que comprove que as grandes mídias estejam capacitando, orientando ou estabelecendo normas de forma a impor esses critérios aos seus funcionários na divulgação de matérias relacionadas ao terrorismo. Essa atitude irresponsável por parte de algumas organizações poderá fazer com que o governo estabeleça uma regulamentação legal, promovendo, desta forma, a censura da mídia.

Portanto, se os meios de comunicação realmente desejam exercer o papel de divulgadores da verdade, é necessário que atuem com extrema responsabilidade, estabelecendo medidas de autorregulação/autocensura, principalmente no que concerne à divulgação de imagens de atos terroristas, pois poderão estar contribuindo para a sua causa, estimulando mais ataques e colocando mais vidas em risco.

Segundo Wilkinson (1997), há inúmeras questões de ordem prática que a mídia pode estabelecer para contribuir com o combate ao terrorismo. Dentre elas, destacam-se:

- estimular o debate, em fóruns, sobre as implicações sociais e políticas decorrentes do terrorismo, assim como o desenvolvi-

mento de políticas públicas adequadas e eficientes de anti/contraterrorismo;

- divulgar de forma responsável e precisa as táticas empregadas por organizações terroristas, o que pode estimular a vigilância por parte da população acerca de comportamentos de pessoas suspeitas, pacotes abandonados, armas, ligações entre diferentes organizações terroristas e crime organizado; e

- trabalhar em conjunto com o governo na divulgação de possíveis ameaças e dos procedimentos a serem seguidos em caso de emergência, assim como contribuir com a polícia com informações relevantes acerca de possíveis ameaças futuras, frequentemente pré-anunciadas por algumas organizações terroristas, com o propósito de chamar a atenção da mídia para dar cobertura ao seu atentado.

O Reino Unido, ao conceber a atualização de sua Estratégia de Contraterrorismo (Contest),¹¹ em julho de 2011, estabeleceu como prioridade a “comunicação” e a “parceria” com a sociedade civil — incluindo as emissoras de rádio e televisão — na prevenção e resposta a um atentado terrorista, como se observa nas palavras do primeiro-ministro britânico Gordon Brown: “Eu acredito que, se as pessoas estiverem mais bem informadas sobre as ameaças, elas serão mais vigilantes e também mais seguras”.

Basicamente, esta estratégia divulga para toda a população os quatro objetivos do contraterrorismo, conhecido como 4P: *Prevent*, *Pursue*, *Protect* e *Prepare* (Prevenir, Perseguir, Proteger e Preparar). Vejamos, sumariamente, cada um deles:

- **Prevenir (*Prevent*):** Prevenir que indivíduos da sociedade sejam cooptados para se tornarem terroristas, apoiando a parcela da sociedade que esteja mais vulnerável a este “recrutamento” por parte das organizações terroristas.

¹¹ Para acessar a Estratégia de Contraterrorismo: <http://www.homeoffice.gov.uk/publications/counter-terrorism/counter-terrorism-strategy/contest-summary?view=Binary>.

- **Perseguir (*Pursue*)**: Perseguir terroristas onde eles estiverem. Como esta área está diretamente ligada à inteligência, um dos objetivos primários desta nova estratégia é o de aprimorar os recursos de inteligência na busca de possíveis ameaças terroristas presentes no território ou no estrangeiro. O aumento dos recursos nesta área de inteligência irá permitir que sejam ampliadas as chances de identificar, localizar e dismantelar atividades terroristas ainda em um estágio inicial.

- **Proteger (*Protect*)**: “Proteger o Reino Unido, fortalecendo nossas defesas contra o terrorismo”. Ou seja, busca-se a defesa da infraestrutura crítica do país, bem como a segurança das fronteiras e de lugares com grande concentração de pessoas. A estratégia prevê que uma das questões-chave para proteger o país está centrada nas medidas de controle de acesso em suas fronteiras, evitando, desta forma, que terroristas consigam entrar no Reino Unido. Além disso, é essencial a defesa de locais com grande concentração de pessoas (como será observado por ocasião dos Jogos Olímpicos) e da infraestrutura crítica, como os sistemas de transporte, emergência e energia, entre outros.

- **Preparar (*Prepare*)**: Estar preparado para responder a um ataque e para diminuir o seu impacto, incluindo os serviços de emergência em caso de ataque com armas de destruição em massa (nuclear, química, biológica e radiológica), assim como as autoridades públicas de defesa civil.

O preparo visa reforçar a capacidade de “sobrevivência” e “resistência” dos principais recursos do Estado e identificar os alvos em potencial e avaliar o seu impacto, a fim de atenuar as consequências de um ataque bem-sucedido. Esses são os dois principais objetivos dessa estratégia.

Para tanto, é necessário possuir um planejamento de comando e controle e recursos necessários para garantir a perfeita coordenação de todas as agências envolvidas neste processo.

Uma interessante iniciativa do governo britânico¹² em conjunto com a sociedade civil é o Projeto Argus, que tem a finalidade de orientar a sociedade como agir em caso de um incidente terrorista.

Destinado a executivos e a gerentes de estabelecimentos de grande concentração de pessoas, como hotéis, museus, *shop-pings*, boates e restaurantes, entre outros, esse projeto procura, durante um período de três horas, aumentar a consciência das pessoas acerca da ameaça do terrorismo, além de fornecer conselhos práticos de como a empresa pode prevenir um ataque, lidar com ele e recuperar-se.

Portanto, uma estratégia eficiente de anti/contraterrorismo em uma sociedade democrática como o Brasil requer o estabelecimento de uma política pública adequada de comunicação com a população, a qual, necessariamente, utiliza o poder da mídia de massa como sua aliada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar sumariamente algumas considerações e alguns fatos sobre a relação entre mídia, terrorismo e grandes eventos esportivos, de forma a contribuir para o debate por ocasião dos planejamentos dos grandes eventos esportivos que o Brasil sediará em 2014 e 2016.

A hipótese de uma ação terrorista durante a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos deve ser considerada como uma ameaça possível, em face da ampla cobertura que a mídia internacional dará a essas com-

¹² Promovido pelo National Counter Terrorism Security Office (NaCTSO).

petições, o que despertará ainda mais o interesse para a realização de um atentado por organizações terroristas, já que um eventual ataque desta natureza terá repercussão mundial instantaneamente.

O terrorismo, em função da natureza indiscriminada de suas ações, tem a capacidade de tornar qualquer pessoa um alvo em potencial, disseminando a intimidação coletiva, pois, em última análise, estão todos na rota da morte, sejam os descrentes na qualidade de infiéis, sejam os crentes atuando como mártires de uma causa. Sua imprevisibilidade e violência provocam o sentimento de insegurança, vulnerabilidade e impotência a todos os Estados e cidadãos, sendo considerado a principal ameaça à paz mundial.

Nesse aspecto, as organizações terroristas veem a exploração da mídia de massa como uma forte aliada na divulgação de suas motivações políticas, étnicas e religiosas, mas, sobretudo, enxergam na exploração destes meios a possibilidade para maximizar seus ataques e influenciar a população, articulando-as a seu favor.

Não há dúvidas, portanto, que a mídia ocupa um posicionamento central na estratégia das organizações terroristas por ocasião do planejamento de seus ataques, conforme evidenciado nas palavras de Laqueur (1997 *apud* FERNÁNDEZ): “As organizações terroristas têm como alvo sociedades livres e democráticas, tendo em vista que nelas a mídia é livre e, naturalmente, dá ampla cobertura aos atentados e às causas terroristas”.

O terrorismo, em função da natureza indiscriminada de suas ações, tem a capacidade de tornar qualquer pessoa um alvo em potencial, disseminando a intimidação coletiva

Apesar da a mídia ser suscetível à manipulação e à exploração de organizações terroristas, ela também é um valioso recurso estratégico do Estado na luta contra o terrorismo. Por exemplo, o governo pode usar a mídia para divulgar a sua política anti/contraterrorismo, sua determinação, seu

potencial e sua eficiência para combater qualquer organização dessa natureza.

Além disso, a mídia também pode desempenhar uma função importante para ajudar a evitar atos terroristas e, em caso de ataques, minimizar o seu impacto da seguinte forma: advertir a popula-

ção dos riscos e ameaças iminentes; cooperar na educação do público, orientando-o como identificar possíveis atividades terroristas; informar sobre as possíveis ameaças e métodos de ataques; informar como a população pode cooperar com as autoridades na prevenção do terrorismo e como proceder em caso de atentado; manter a população informada dos planos de emergência; manter atualizados o governo e o público sobre os acontecimentos no local do ataque e contribuir, com ética profissional e imparcialidade, para atenuar as consequências econômicas, políticas e sociais decorrentes de um ataque dessa natureza¹³.

No que concerne a planejamento e implementação das medidas preventivas de segurança para os grandes eventos esportivos no Brasil, é indispensável que o país identifique as vulnerabilidades estratégicas nacionais, isto é, os pontos fracos do Estado por meio dos quais o país pode ser facilmente ameaçado. Segundo

¹³ Informações retiradas do módulo de ensino do curso *Terrorism Studies*, da St. Andrew's University.

Vidigal (2004), a partir da identificação dessas “vulnerabilidades estratégicas” será possível definir os meios necessários para diminuí-las ou eliminá-las.

No contexto de grandes eventos esportivos, as vulnerabilidades são imensas, pois envolvem competições em cidades diferentes, hospedagem de atletas e delegações descentralizadas, inúmeros deslocamentos para locais de treinamento e competição, além dos alvos tradicionais, como pontos turísticos, aeroportos e estações de transporte público, entre outros.

Embora o terrorismo seja um problema tipicamente policial, em alguns casos extremos pode envolver a intervenção das Forças Armadas, que, assim, devem dispor de unidades de contraterrorismo para essa eventualidade. Para Vidigal (2004a), apesar de o papel tradicional das Forças Armadas ter sido sempre o de enfrentar forças regulares inimigas, “[...] o contexto atual indica a necessidade de ampliação do emprego das Forças Armadas do país em inúmeras situações antes não previstas”. Isso posto, este autor não tem dúvida de que as Forças Armadas brasileiras serão empregadas na segurança dos grandes eventos esportivos no Brasil.

A título de ilustração, o Reino Unido pretende empregar mais de 23 mil policiais, 5 mil militares e uma empresa de segurança privada na segurança dos Jogos Olímpicos deste ano. O orçamento do governo inglês, somente na segurança dos Jogos, prevê o dispêndio de 553 milhões de libras.

Obviamente que a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos atraem a atenção de organizações terroristas. Contudo, vale lembrar que o Brasil já é a sexta economia

do mundo e, por meio de suas ações da política externa, vem se projetando ainda mais no cenário das decisões mundiais. Porém, ao buscar esta posição no concerto internacional, é preciso que o Estado esteja preparado para a entrada em um mundo de competição global sujeito a qualquer tipo de retaliação, inclusive terrorista.

Nesse contexto, surgem indagações acerca da possibilidade de atentados terroristas no Brasil, como, por exemplo: O Brasil pode ser palco para ações terroristas contra alvos tradicionais? O Brasil pode ser alvo de ações terroristas? O Brasil pode ser local de obtenção de facilidades para terroristas?

Esses questionamentos foram apresentados e debatidos por ocasião do II Encontro de Estudos sobre Terrorismo, rea-

lizado pela Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, em julho de 2004. Segundo Diniz (2004), todas as respostas foram afirmativas, pois, primeiramente, o Brasil dispõe de inúmeras instalações que são “alvos tradicionais” de organizações terroristas; em segundo lugar, o Brasil poderia ser alvo de atentados terroristas caso a Al Qaeda, por exemplo, encontrasse dificuldades de realizar seus ataques onde vem agindo ou devido à necessidade de mostrar aos seus próprios seguidores que ainda está em condições de luta e pelo Brasil ser um local de fácil entrada e saída; em terceiro lugar, pelo fato de o País ter dificuldades comprovadas nas áreas de inteligência e segurança, combinadas com as diversas etnias aqui presentes, que tornam o Estado brasileiro privilegiado para a obtenção de

**Este autor não tem
dúvida de que as Forças
Armadas brasileiras serão
empregadas na segurança
dos grandes eventos
esportivos no Brasil**

facilidades para ações terroristas. Ou seja, não há nada que exclua o Brasil da possibilidade de ser alvo de um ataque terrorista¹⁴.

O Brasil apresentava, em 2004, um risco médio de sofrer alguma ameaça terrorista. Os parâmetros utilizados para classificá-lo nesse nível foram desde a percepção (não testada empiricamente) pelos órgãos responsáveis pela segurança do Estado até a caracterização da ameaça terrorista como parte de uma realidade mais complexa: a guerra assimétrica (CEPIK, 2004).

Nesse aspecto, este autor acredita que haja uma elevação do nível de risco a partir deste ano no Brasil, principalmente quando se considera a hipótese de atos terroristas contra embaixadas, empresas multinacionais ou delegações oficiais estrangeiras (estas presenciadas em maior intensidade no País a partir de junho de 2012, em face da realização da Rio+20). Esta, além da Copa do Mundo, das Olimpíadas e de outros grandes eventos que o País sediará, contará com a divulgação, em tempo real, pela mídia internacional.

Em face do exposto, é desejável que as autoridades responsáveis pela organização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos estabeleçam uma eficiente estratégia de anti/contraterrorismo que contemple os esforços de todos os segmentos do governo e da sociedade civil, incluindo os veículos de comunicação, haja vista que o terrorismo global é uma realidade.

A participação em fóruns internacionais, com o propósito de fomentar a cooperação internacional, coordenar os esforços políticos e os mecanismos de segurança e defesa, bem como aumentar o intercâmbio de in-

formações, permitirá conjugar esforços na segurança durante as competições contra essa terrível ameaça.

O planejamento e a implementação das medidas preventivas de segurança fatalmente ocasionarão uma limitação das liberdades individuais e da mídia no período que antecede e durante os grandes eventos esportivos no Brasil, como observado em países como EUA e Reino Unido. Contudo, essas medidas são necessárias e fundamentais na prevenção do terrorismo.

Outra grande preocupação está centrada na questão de propiciar segurança aos jogos sem, contudo, interferir na atmosfera de confraternização e alegria que estas competições proporcionam. Este, com certeza, será um dos maiores desafios para os organizadores de eventos esportivos dessa magnitude.

No que concerne especificamente à responsabilidade da mídia, a autorrestrrição voluntária dos meios de comunicação é a melhor opção no combate ao terrorismo em sociedades livres e democráticas.

Contudo, para que se tenha uma cobertura responsável por ocasião desses grandes eventos esportivos, é fundamental que haja diretrizes claras de autorrestrrição em caso de incidentes terroristas. Além disso, é necessário que haja uma solução de compromisso entre o direito da população em ter acesso à informação e a segurança e privacidade das vítimas. Ou seja, este autor acredita que, em última análise, os meios de comunicação devem entender que a parceria com o Estado irá prevenir ou minorar os efeitos de atentados terroristas, e não restringir sua liberdade de expressão.

¹⁴ O Brasil, dentro do concerto internacional, apresentava em 2004 um risco médio de sofrer alguma ameaça terrorista. Os parâmetros utilizados para classificá-lo neste nível foram: desde a *percepção* (não testada empiricamente) pelos órgãos responsáveis pela segurança do Estado até a caracterização da ameaça terrorista como parte de uma realidade mais complexa: A GUERRA ASSIMÉTRICA. (CEPIK, 2004)

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<POLÍTICA>; Terrorismo; Imprensa; Segurança; Mídia;

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Arthur Bernardes. *A Guerra ao Terror e a Tríplice Fronteira na agenda de segurança dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro. PUC-RJ, 2008.
- DIAMINT, Rut. *Terrorismo e democracia nas Américas*. Texto apresentado no Fórum Interparlamentar das Américas em novembro de 2003.
- DINIZ, Eugênio. *Considerações sobre a possibilidade de atentados terroristas no Brasil*. II Encontro de estudos: Terrorismo. Gabinete de Segurança Institucional. Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais. Brasília, 2004.
- FERNÁNDEZ, Luciana M. *Hiperterrorismo e mídia: o terrorismo no processo de comunicação política*. ECA/USP, 2005.
- LAQUEUR, Walter. *The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction*. New York. Ed. Oxford University Press, 1999.
- _____. *A History of Terrorism*. New Jersey . Ed: Transaction Publishers, 3ª Edição, 2002.
- LINS, Michelline Carmo. *As novas ameaças à segurança internacional e a Organização dos Estados Americanos*. UnB. Brasília, 2005.
- MELO NETO, Francisco Paulo de. *Marketing do Terror*. São Paulo: Contexto, 2002.
- NACOS, Brigitte L. *Mass-Mediated Terrorism: The central role of the media in terrorism and counterterrorism*. Maryland, 2002.
- SIMIONI, Alexandre A. C. *O terrorismo contemporâneo: consequências para a segurança e defesa do Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.
- TIME. *Top 10 worst Sport Terrorism Attacks*. Time Special. (?). Disponível em: http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1882967_1882966_1882948,00.html. Acesso em: 20/Mar/2012.
- VIDIGAL, Armando F. *A nova estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos da América: uma reflexão político-estratégica*. Simpósio da Escola de Guerra Naval. EGN, 2002 a.
- _____. *11 de Setembro de 2001*. Rio de Janeiro. Ed. FEMAR, 2002 b.
- _____. “A Missão das Forças Armadas para o Século XXI”. *Revista Marítima Brasileira*. 4º Trimestre, 2004a.
- _____. *Inteligência e Interesses Nacionais*. III Encontro de Estudos: Desafios para a Atividade de Inteligência no Século XXI. Brasília. Gabinete de Segurança Institucional; Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais, 2004b.
- _____. *Segurança Regional*. Texto apresentado no VII Encontro de Estudos Estratégicos, Brasília, DF. Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, 06 a 08 de novembro de 2007.
- WHITTAKER, David J. (Org). *Terrorismo: um retrato*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 2005.
- WILKINSON, Paul. “The Media and Terrorism: a Reassessment”. *Terrorism and Political Violence*, Vol.9, n. 2. Frank Class. London, 1997.